

## PERFIL

# A ministra que gosta de ir à luta

Alexandra Leitão vai mandar na função pública. **É controladora**, foi contra as propinas e assistente de Marcelo

**FILIPE SANTOS COSTA**

Marcelo entrou no anfiteatro como se fosse uma *pop star*. Para os alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa que foram assistir às orais naquela tarde de 1991 era mesmo. Estavam ali para ver a atuação do professor Rebelo de Sousa, alheios ao nome ou ao desempenho do aluno examinado. Mas aquela aluna acabou por dar nas vistas pelo nome e pelo desempenho. O professor de Direito Constitucional, com a sua barba mefistofélica, ia disparando perguntas para a “Senhora Dona Ludomila” — esta respondia com uma segurança pouco comum numa caloiira com um ar tão jovem.

A juventude não era só ar: Alexandra Ludomila era mesmo mais nova do que os seus colegas do curso de Direito de 1990/1995. Nascida em 1973, entrou na escola primária com cinco anos — uma ideia da D. Aurora, professora primária que morava no andar de cima do prédio de Carcavelos onde Alexandra, filha única, vivia com os pais. Apesar de nunca ter andado no pré-escolar e de se agarrar à mãe como uma lapa, sentiu-se na escola como peixe na água. Acabou por fazer a escolaridade de um ano à frente do que seria **“É uma negociadora obstinada e combativa. Mas tinha a noção de que era preciso quebrar a crispação”, conta Mário Nogueira**

normal. Tinha 18 anos fresquinhos quando se aventurou na oral, para melhoria de nota, com

Marcelo Rebelo de Sousa.

A tarde do exame correu bem a ambos. Alexandra saiu da oral com um 16. Não se perturbou com a pontinha de gozo com que Marcelo a interpelava como “Senhora Dona Ludomila” — tinha-se preparado, e, quando assim era, ia à luta com uma confiança difícil de abalar. Continua a ser assim: estuda, prepara-se e leva tudo à frente. De preferência com um oponente pela frente, como naquela oral. Gosta de discutir argumentos e considera-se muito melhor na dialética do que na retórica. Ainda hoje vai com gosto para um debate, nem por isso para um discurso.

O professor, por seu lado, sinalizou aquela rapariga cheinha e vivaça — era muito atento aos alunos que se mostravam fora de série. Aquela tinha potencial. Marcelo e a “Senhora Dona Ludomila” voltaram a encontrar-se no sábado passado, no Palácio da Ajuda. Ele, como Presidente da República, já sem barba mas sempre *pop star*. Ela, já conhecida como Alexandra Leitão, saiu do encontro como ministra da Modernização do Estado e da Administração Pública. Depois de quatro anos em que foi a secretária de Estado da Educação que cortou nos contratos de associação com os privados e enfrentou o lóbi dos professores, tornou-se uma estrela política, com direito a um ministério feito à sua medida (ver caixa).

Cinco anos depois dessa oral do verão de 1991, Alexandra Leitão tornou-se assistente de Marcelo em Direito Administrativo, a área em que acabou por fazer o doutoramento, em 2011. Antes, e como havia minguado de professores, já tinha sido promovida a

monitora. Já era uma das figuras daquela fornada de Direito: porque sobressaía nas pautas, porque era “a namorada do filho do professor Jorge Miranda” (o tipo de comentário que a irritava a ela, por ser “a namorada de”, e a ele, João Miranda, por ser reduzido a “filho de”), mas também pela sua atividade no Núcleo de Estudantes Socialistas (NES). Era um grupo mobilizado por Sérgio Sousa Pinto que foi o ponto de encontro para gente de vários anos que fez caminho na JS e no PS, como João Tiago Silveira, Marcos Perestrello ou Ana Catarina Mendes. Conhecem-se todos daí e das campanhas da lista K, uma coligação de JS, JSD e independentes, que fazia cartazes com a imagem de Che Guevara e tentou conquistar a Associação Académica a um grupo anarquista que publicava um jornal com o nome de “O Esquentamento”.

## Contra a PGA e as propinas

A lista K nunca venceu, mas dessas lutas ficaram relações para a vida (Ana Mendes Godinho, a nova ministra do Trabalho e Segurança Social, também fez parte desse grupo, assim como André Azevedo, secretário de Estado para a Transição Digital). E ficou a imagem de uma Alexandra combativa, bastante à esquerda naquela espécie de bloco central. Sousa Pinto descreve-a como “cheia de qualidades”. Elenca algumas: “Muito ativa, politicamente empenhada e combativa.” Quem a conhece há muito garante que a jovem Alexandra era parecida com a que conhecemos hoje. “Amadureceu, só isso”, resume

Isabel Nogueira, investigadora do Técnico e sua amiga desde o liceu. Sempre se interessou por política. “Nisso éramos um bocadinho diferentes dos outros, discutíamos política”, admite a amiga. No liceu, as conversas eram sobre o desgosto de viver no cavaquismo. Alexandra fez greve contra a Prova Geral de Acesso (PGA) no final dos anos 80 e foi às manifestações contra as propinas nos anos 90, na Avenida 5 de Outubro, frente ao edifício onde se estrearia como governante em 2015.

João Tiago Silveira, que coordenou o último programa eleitoral do PS, no qual Alexandra Leitão colaborou, descreve-a como “tenaz, ultracorajosa e sem medo”. Mostrou-o nos embates que liderou na Educação, mas já o tinha provado na faculdade: em 1995, quando era finalista, monitora e já tinha decidido que a sua vida se faria na academia, foi um dos rostos da contestação às provas orais do professor Soares Martinez, uma relíquia do salazarismo que praticava a sua ditadura nas orais de Filosofia do Direito (ver fotolegenda). “Esse episódio mostra um traço forte da personalidade da Alexandra: se acha que uma luta é justa, vai em frente”, sintetiza Silveira.

O protagonismo que assumiu contra Martinez valeu-lhe as duas páginas da revista do Expresso que aqui reproduzimos. Nessa entrevista, assumia-se herdeira de uma família de esquerda. Era uma família anónima, mas não com uma história qualquer. E essa história moldou-a e moldou a forma



## Nasce uma estrela, parte I



**PROTAGONISTA** Em 1995, Alexandra Leitão destacou-se na luta dos alunos de Direito da Clássica contra o terror das orais de Soares Martínez. Então já era monitora e, tal como outros dois monitores que apoiaram a contestação (João Miranda e Tiago Duarte), pouco tinha a ganhar, pois já tinha dispensado a oral de Filosofia do Direito. Podia até ter algo a perder, atravessando-se contra um “intocável” da faculdade. Mas era “uma luta justa”, e ela lutou-a.

como encara a Administração Pública, que vai tutelar.

### A mãe presa política

Amélia, a mãe, era funcionária pública. No início da década de 60 era uma jovem enfermeira minhota que trabalhava no Hospital de São João, no Porto. Também distribuía “propaganda subversiva” ligada à oposição democrática. Até que foi apanhada pela PIDE. Foi presa preventivamente por 10 meses, mais tempo do que a pena a que seria condenada. Tam-

bém foi exonerada da função pública. Não podia trabalhar para o Estado, nem os privados a contratavam pelo cadastro político. Acabou por se mudar para Angola, onde encontrou emprego e marido — Vitor, um beirão que fazia trabalho de escritório. Voltaram a Portugal em 1973, com Amélia já grávida, que depois da Revolução foi reintegrada, mas as suas atribulações marcaram a família.

Eram de esquerda, com certeza. Alexandra cresceu a ouvir Zeca Afonso e José Barata-Moura e as frequentes conversas dos

pais sobre política. A mãe foi uma figura marcante, não só por ajudar a forjar a consciência de esquerda da filha, mas por ter sido funcionária pública — contribuiu para a visão de Alexandra sobre o papel do Estado e a importância do Estado social. Acredita na importância dos serviços públicos e no Estado como prestador, acha que é essa a linha que divide esquerda e direita e defende que os serviços públicos universais são a diferença entre assistencialismo e Estado social.

Como académica, escolheu o Direito Administrativo, porque

tem a ver com a máquina do Estado e a forma como se relaciona com a sociedade. Enquanto política, o país conheceu-a num debate sobre essa fronteira entre público e privado num “Prós e Contras”, na RTP, em que enfrentou os colégios privados em plena polémica sobre os cortes nos contratos de associação. Foi ela quem fez questão de comprar essa guerra quando Tiago Brandão Rodrigues a convidou para secretária de Estado.

Esse é outro traço que a distingue. Uma amiga conta que, quando foi mãe pela primeira vez (tem duas filhas, com 17 e 14 anos), Alexandra Leitão se tornou “uma mãe científica” — leu tudo o que pôde sobre puericultura e sabia o que havia para saber sobre cada fase do crescimento da filha. Fã de ficção televisiva, quando gosta de uma série nova é capaz de a ver toda num dia ou num fim de semana. Quando se interessa por alguma coisa, é a sério. Para azar da família, nunca teve esse clique em relação à culinária.

É uma governante sempre com as mãos na massa. O que tem desvantagens — quem trabalhou com ela diz que é controladora e não gosta de delegar —, mas também vantagens: Alexandra acredita na ação direta — consta que tem no telemóvel o número de mais de 200 diretores de agrupamentos escolares e de mais de 100 presidentes de câmara e que nunca hesitou em telefonar-lhes ou atendê-los para resolver problemas. A educação foi só o começo. Agora, tem a função pública toda por sua conta.

fscosta@expresso.imprensa.pt

Área: 1070cm² / 83%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6645039



## “Não tenho medo da rua”

O choque com os colégios privados e os conflitos com os professores por causa da reposição do tempo de serviço, projetaram Alexandra Leitão. Costa recompensou-a com um ministério que junta competências retiradas às Finanças (função pública), ao Ministério da Presidência (modernização administrativa) e à Administração Interna (poder local). Não é pouco. Se há lição que a nova ministra aprendeu, é que o trabalho difícil tem de ser feito a arrancar o mandato. Há quatro anos, Alexandra Leitão chegou a confessar que esperava ter uma boa relação com os sindicatos — assume-se do lado esquerdo do PS e esperava que isso a ajudasse. Enganou-se. Agora, os sindicatos olham-na de pé atrás. Mas Mário Nogueira, apesar dos embates, não lhe regateia elogios: “É uma negociadora obstinada e combativa. Tivemos discussões fortes, em profundo desacordo, mas com a consciência de que cada um estava a defender as suas convicções e com argumentos. Com o ministro era diferente, tornava-se intratável. A Alexandra Leitão não. Tinha a noção dos momentos em que era preciso quebrar a crispação. Dentro da dureza e combatividade, mantinha a afabilidade.” No auge do choque com os professores, Alexandra Leitão dizia: “Não tenho medo da rua.” Terá de o repetir?

F.S.C. com ISABEL LEIRIA

Alexandra Leitão,  
46 anos, tem as  
carreiras da função  
pública nas mãos

FOTO TIAGO MIRANDA